

5.

Visão Psicológica da Adolescência Normal

Maurício Knobel

No estudo da psicologia do desenvolvimento, a adolescência ocupa, atualmente, lugar de destaque que merece atenção de pesquisadores, clínicos, educadores e agentes de saúde em geral. A população "adolescente" pode ser estudada a partir de óticas diversas e com diferentes referenciais psicológicos. Aqui, são apresentadas as observações e as experiências sob o ponto de vista denominado "psicodinâmico", que já tem aceitação em diversos países e mereceu reconhecimento de diversos autores e da Organização Pan-Americana de Saúde.

O primeiro aspecto a ser assinalado é que a adolescência é verdadeira e autêntica fase evolutiva do ser humano e que deve ser considerada desde os vértices biológico, social e psicológico, aprofundando cada área para integrá-las na compreensão da personalidade adolescente da época atual. Entretanto, deve-se marcar claramente que a adolescência não é simples produto do tipo de sociedade ou sistema sociopolítico, nem situação ligada a determinado nível socioeconômico da população, e sim parte ou período fundamental de todo o processo de desenvolvimento humano, no qual os fatores sociopolítico e econômico participam de forma intensa.

As manifestações *externas* de conduta são culturalmente diferentes. Porém, os psicodinamismos e a base do comportamento, assim como atitudes e idéias manifestas, são essencialmente os mesmos no mundo todo. O adolescente em busca de sua identidade adulta passa por período "turbulento" (ou seja, o velho *sturm and drang*, ou "tormenta e agitação", de que Spranger já falava), em que comportamentos considerados anormais ou patológicos em outras fases do desenvolvimento devem ser considerados normais nessa transição para a vida adulta. Essas observações e estudos levam a propor a existência de modalidades de atuação que, adequadamente analisadas e esquematicamente agrupadas, podem constituir uma verdadeira *síndrome da adolescência normal*.

É necessário assinalar que a "identidade" não é fenômeno próprio apenas do "adulto", mas que, a cada momento do desenvolvimento, o indivíduo tem identidade própria, que é fruto das identificações e experiências vitais (interação mundo interno-mundo externo) que ocorreram até então. A identidade adulta, entretanto, não é alcançada antes que o adolescente tenha elaborado e/ou conscientizado o que pode ser considerado as três "perdas" fundamentais desse período evolutivo: (1) a perda do corpo infantil; (2) a perda dos pais da infância; e (3) a perda da identidade e do papel sociofamiliar infantil. É importante considerar essas "perdas" para entender os psicodinamismos do período evolutivo. Toda perda pessoal exige processo elaborativo de "luto", no sentido psicológico e humano do termo. Por isso, devem ser estudadas as típicas situações que acontecem na adolescência, para entender muitas condutas aparentemente "alteradas" desse período da vida.

PERDA DO CORPO INFANTIL

As transformações corporais que se desencadeiam a partir da puberdade são vividas geralmente com muita ansiedade pelo adolescente. Ele vive esse momento com mentalidade ainda infantil, num corpo que vai se desenvolvendo de forma incontrollável para o indivíduo. A sexualidade, que agora irrompe em nível genital, exige do adolescente reformulação de seus mundos interno e externo. As restrições familiares e sociais, para "controlar" seus impulsos, chegam a tornar seu desenvolvimento ameaçado de tal maneira que a "confusão" pode ser perfeitamente considerada normal. As mudanças corporais obrigam também o adolescente a reformular seu "esquema corporal", isto é, reformular a imagem que tem de seu próprio corpo, o que só vai se tornando possível à medida que ele elabora a perda do corpo infantil e consegue o novo corpo. Fala-se de "elaborar" no sentido psicodinâmico do termo, o que implica aceitar que todo o processo adolescente vai ser acompanhado por *componentes* psicopáticos e depressivos que poderão aparecer com maior intensidade em muitos adolescentes "normais" e mais acentuados em toda a psicopatologia dessa etapa da vida.

Na adolescência, a definição sexual deverá efetuar-se no plano psicológico, ao mesmo tempo que acontece em suas estruturas biológicas. Nessa fase, a intensificação da masturbação atesta a dificuldade de abandonar a "bissexualidade" reinante até então, assim como tem também função exploratória, de reconhecimento do próprio corpo e preparatória para o exercício genital vivido com plenitude, mais adiante, na juventude e adultícia. O exercício *genital* pode desenvolver-se na base de fantasias imaginárias ou concretas e, assim, o adolescente poderá optar pela heterossexualidade ou por "opção" homossexual. A identidade adulta, alicerçada em responsabilidade e autoconhecimento, só poderá surgir a partir da aceitação do próprio corpo com todas as transformações próprias dessa fase evolutiva e suas concomitantes psicológicas.

PERDA DOS PAIS DA INFÂNCIA

O aspecto mais importante é o da dependência/independência dos filhos em relação aos pais e vice-versa. O desenvolvimento é vivido, na adolescência, com muita agressividade e culpa, com avanços e regressões. Estabelece-se o fenômeno psicológico denominado "ambivalência dual" em que ambas as partes desejam e temem o crescimento, a maturação sexual e todas as responsabilidades e "riscos" desse fenômeno eventualmente decorrentes. Ocorre uma verdadeira "dessimbiotização", saudável para pais e filhos adolescentes. Os pais, até então idealizados e supervalorizados pelos filhos (fato e fator necessários para o desenvolvimento infantil adequado), passam a ser alvo das mais violentas críticas e questionamentos, surge a necessidade de busca de figuras de identificação fora do âmbito familiar. Nessa busca, o adolescente tenta, procura substituir muitos aspectos de sua identidade familiar por outra enriquecida de novos elementos de seu âmbito social mais amplo; aí começa a verdadeira socialização num caminho que leva ao sentimento de individualidade.

PERDA DA IDENTIDADE E DO PAPEL INFANTIL

Na infância, a relação de dependência é a situação natural do convívio da criança com os pais. Quando chega à adolescência, há confusão de papéis, pois o adolescente, não sendo mais criança e não sendo ainda adulto, tem dificuldade em se definir nas diversas situações de sua cultura (a "forma" varia de cultura e até de

país ou de região para região). É importante conhecer melhor essas "subculturas" ambientais, para reconhecer o peso que elas podem ter nesta era de "pós-modernismo". Cada avanço que faz para obter sua independência deixa o adolescente um tanto quanto temeroso e inseguro. Procura, assim, o apoio do grupo em que deposita toda a sua confiança e esperança, deixando a cargo dos pais as mais significativas obrigações e responsabilidades. A adesão a grupos, nessa fase, tem função importante para o estabelecimento de identidade adulta, pois facilita o distanciamento dos pais, mencionado acima, e permite novas "identificações", levando a novas configurações e reestruturações da personalidade. A "grupalidade" e a "dessimbiotização" são fenômenos humanos a ser estudados com a maior objetividade possível.

Por algum tempo, o adolescente experimenta vários papéis, identificando-se com diferentes figuras ou grupos de seu meio social e assimilando valores e papéis fora do meio familiar. Nessa etapa da vida, pode assumir diferentes identidades, as quais podem ser *transitórias*, *ocasionais* ou *circunstanciais*. Tudo ocorre em uma mesma pessoa que começa a sentir e necessita entender sua intimidade, base da "individualidade", da pessoa que cada um é e será.

Para atingir identidade adulta, sentir-se adulto, o adolescente deverá fazer uma síntese de todas essas identificações desde a infância, e a adultícia será uma meta desejada e não temida. Essas "perdas" são elaborados ao realizarem verdadeiros processos de *luto*, como assinalado. Isso obriga o adolescente a utilizar todos os seus mecanismos de defesa, especialmente os chamados psicopáticos e depressivos, nessa elaboração, levando à mencionada "conduta turbulenta" ou à considerada aparentemente "anormal" ou até "patológica", aos olhos de muitos dos adultos, de acordo com as características e padrões próprios do meio sociocultural.

O adolescente exterioriza seus conflitos e seus estilos elaborativos de acordo com suas possibilidades e as de seu meio, com suas experiências e estruturas psicofísicas. Então, pode-se falar de verdadeira "patologia" normal da adolescência ("patologia" aos olhos e conforme os preconceitos dos adultos de nossa cultura e não a partir da percepção de uma psicologia evolutiva dinâmica).

Levando-se em consideração o critério evolutivo da psicologia, considera-se a adolescência mais que uma etapa estabilizada, é um processo, desenvolvimento e, portanto, deve-se admitir e compreender sua aparente "patologia", para situar seus "aparentes" desvios no contexto da realidade humana que nos rodeia. Para pais, mestres, educadores e todos que de alguma maneira trabalham com adolescentes, consideram-se fundamentais essas idéias e suas aplicações. Essa aparente "patologia" (aos olhos do mundo adulto) se apresenta com manifestações alternantes e, às vezes, crises diversas e transitórias que permitem aproximação mais objetiva e menos preconceituosa em relação à adolescência, formulando-se assim a "síndrome da adolescência normal". O conhecimento dessas características psicológicas facilita a compreensão das condutas que se apresentam e evitam-se "diagnósticos" errados e preconceituosos, assim como humilhantes atitudes de rejeição e críticas prejudiciais.

A "síndrome da adolescência normal" apresenta-se com as seguintes características de comportamento:

□ **Busca de si mesmo e da identidade adulta, mediante elaboração dos lutos**

Durante a puberdade e na adolescência já estabelecida, acontecem importantes fatos biológicos, como a mudança corporal, as modificações de atitudes físicas e do manejo do corpo, que não poucas vezes levam a vagaroso processo de autoco-

nhecimento. Quem sou eu? É a pergunta que muitas vezes formula o adolescente... Entretanto, terá que aguardar a resposta... Ela chegará quando a adolescência for se transformar em "juventude" e "adulícia jovem" e pela elaboração dos lutos já descritos.

□ **Tendência e necessidade grupal**

Na busca da individualidade, o adolescente desloca o sentimento de dependência dos pais para o grupo de companheiros e amigos, no qual todos se identificam com cada um. Nesse momento, pertence mais ao grupo (pode ser até uma turma ou "gangue") de companheiros que à família. Essa aceitação se revela na obediência às regras grupais em relação a tudo, observada em vestimenta, modas diversas, costumes e preferência de todos os tipos. O grupo é importante e altamente significativo, porque constitui o passo intermediário no mundo externo para alcançar a identidade adulta.

□ **Necessidade de fantasiar com o futuro imaginário e a saída do presente**

Essas são as formas mais típicas do pensamento adolescente, em que se usam essas capacidades como mecanismos de defesa diante do que acontece em seu corpo (que freqüentemente se vivencia como algo que acontece e a que se "assiste" passivamente). É um tipo de fuga para o interior, espécie de reajuste emocional que leva à preocupação com princípios éticos, filosóficos, sociais e políticos, que muitas vezes implicam formular um plano de vida bem diferente do que se tinha até esse momento; também permite a teorização e a imaginação acerca de grandes reformas que poderiam acontecer no mundo exterior, num futuro que não está muito longe.

□ **Questionamento das religiões e da religiosidade**

As crises religiosas no adolescente manifestam-se por atitudes de ateísmo ou de misticismo, ambas geralmente como situações extremas e até cheias de fanatismo. Neste momento histórico, pode predominar mais uma crença, um fanatismo do que a religiosidade. A atitude mais indiferente parece predominar em certos setores da classe média e universitários. É importante reconhecer que são as religiões e a religiosidade que estão em crise. O indivíduo e o grupo adolescente acompanham, aliam-se ou questionam essas seitas ou grupos de fanáticos religiosos (vejam-se os conflitos cristãos da Irlanda ou o fanatismo suicida de alguns, como grupos da nobre religião islâmica).

□ **Deslocação temporal**

Existe nesse período evolutivo certa desorientação temporal, em que as urgências são enormes e as postergações irracionais. Há o que se poderia chamar de "normal distemporalidade". Tudo pode chegar a ser "agora ou nunca", ou a um permanente "ainda temos tempo".

□ **Evolução sexual desde o auto-erotismo até a sexualidade genital**

O estímulo biológico e a cultura praticamente empurram o adolescente a iniciar-se na atividade genital, no mínimo com fantasias. Assim, há um tipo de jogo entre a atividade masturbatória e o começo do exercício genital, que tem fundamentalmente caráter exploratório. No início, procura-se tímida mas intensamente uma parceria. É o momento dos contatos, das carícias mais íntimas e/ou do "amor apaixonado", porém geralmente transitório e até fugaz. Os desejos são intensos e, nesta sociedade, fortemente reprimidos e até vividos com culpa. A evolução sexual adolescente vai de uma fase prévia de masturbação à atividade lúdica que leva à aprendizagem: jogos eróticos, bailes, esportes, carinhos, todos com conteúdo exploratório de si mesmo ou do(a) outro(a). Existe depois o desejo mais intenso e a relação genital, que muitas vezes é a expressão de imaturidade, descontrole ou até mesmo

de atividade lúdica. Pesquisa recente na UNICAMP revelou que existe restrição na atividade genital dos adolescentes. São poucos os casos de verdadeira atividade genital responsável e com *amor*. Em algumas oportunidades, até o coito tem características masturbatórias.

□ **Atitude social reivindicatória, agressividade e violência**

Na sociedade, há contradição entre as possibilidades materiais do ser humano, que praticamente tudo pode (ou poderia), e o adolescente, que diante desse “tudo” é marginalizado, o que leva à atitude social reivindicatória. Por meio de sua atividade e força, tenta modificar a sociedade que, por sua vez, vive mudanças intensas, influenciando o indivíduo. Os padrões sociais mudam muito pelo próprio impacto dos adolescentes e jovens. É a juventude, naturalmente revolucionária, do mundo e logicamente também a nossa que tem em si o sentimento místico da necessidade de mudança social. O jovem normal e adequado a seu processo evolutivo deve contestar e reivindicar um mundo, uma sociedade, uma humanidade melhor, mais justa e mais cheia de amor. Se fosse o caso, só por isso, seria necessário entender e respeitar certas atitudes adolescentes que ainda apavoram muitos adultos, que não reconhecem que é sua própria violência que causa agressividade e violência nos adolescentes.

□ **Contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta**

A conduta adolescente está dominada pela ação. O jovem não pode manter uma linha de conduta rígida e permanente. Sua personalidade é permeável e sua instabilidade necessária. Lida permanentemente com o imprevisível, tanto no seu mundo interno como no externo. Joga com seu corpo, sua alma, sua conduta de acordo com as possibilidades que lhe parecem confusas. A contradição parece ser a conduta mais freqüente nesse complexo evolutivo.

□ **Separação progressiva ou brusca dos pais**

Para atingir a maturidade é necessário ter individualidade e independência reais. A separação progressiva dos pais, a entrada na turma e a posterior individualização discriminativa são passos necessários do processo evolutivo humano. Muitos pais em nossa cultura angustiam-se diante do crescimento dos filhos e chegam até a negá-lo. Existe a já mencionada “ambivalência dual” por ambas as partes que, às vezes, é fonte de conflitos que perturbam o crescimento físico e psicológico normal. O conflito de gerações é uma realidade necessária para o desenvolvimento sadio, tanto dos filhos adolescentes como de seus pais.

□ **Constantes flutuações de humor e do estado de ânimo, com base depressiva**

Uma conquista, por mínima que seja, entusiasmo e alegria. Uma frustração aborrece e deixa tristeza; isso acontece milhares de vezes por dia. A luta do adolescente com os pais, a sociedade, os preconceitos, o medo, seus triunfos físicos ou sua realização intelectual, uma aprovação, uma rejeição, tudo constante e vertiginosamente alternado no dia-a-dia, explicam sentimentos de solidão e de exaltação. Essas mudanças de estado de ânimo são normais. Assim é que se aprende a ter sentimentos humanos, sentimentos válidos com o grande valor das experiências vividas plena e intensamente, ainda que possam ser pouco duradouras. Dessa forma, pode-se apresentar *uma, só uma*, visão psicológica da adolescência normal. Questiona-se se é possível falar de “normalidade” em uma sociedade tão alienada como a nossa, e em uma fase da sociedade chamada por alguns sociólogos de “pós-modernidade”. Porém, é necessário ter um referencial psicológico para lidar com os adolescentes tanto na saúde como na doença.

Este capítulo só aspira oferecer referencial que permita não rotular como “patológico” o que pode ser normal e facilitar o médico hebiatra a *entender* seu paciente adolescente, para realizar história clínica mais objetiva nessa faixa etária e considerar seus conflitos e condutas na sociedade de hoje.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. - *Adolescência Normal*. 10ª ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1992.
- ERIKSON, E.H. - *Identidade, Juventude e Crise*. Zahar, Rio de Janeiro, 1976.
- KNOBEL, M.; PERESTRELLO, M.; UCHÔA, D. de M. - *A Adolescência e a Família Atual*. Atheneu, Rio de Janeiro, 1981.
- LEVISKY, D.L. et al. - *Adolescência Pelos Caminhos da Violência*. Casa do Psicólogo, São Paulo, 1998.
- LYOTARD, J.F. - *Moralidades Pós-Modernas*. Papyrus, Campinas, 1996.
- Organización Panamericana de la Salud - *La Salud de los Adolescentes y Jóvenes en las Américas Latinas - Un Compromiso con el Futuro*. Folheto, Washington, D.C., 1985.
- Organización Panamericana de la Salud - *La Salud de los Adolescentes y Jóvenes en las Américas*. O.P.S. Publicación Científica nº 489, Washington, D.C., 1985.
- SPRANGER, E. - *Psicología de la Edad Juvenil*. Revista de Occidente, Madri, 1960.
- WEIL FERREIRA, B. - *Adolescência. Teoria e Pesquisa*. Sulina, Porto Alegre, 1984.